

Da cultura impressa à cultura das telas: letramento e contemporaneidade

Ana Paula Lima Simões¹

Dilton Ribeiro do Couto Junior²

Introdução

Dialogando com os interesses de pesquisa institucional em andamento³, este trabalho propõe chamar atenção para a necessidade de se investigar a relação entre cibercultura e letramento. Foi com o advento da cibercultura, entendida por Lévy (1999) como “*o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço*” (p. 17), que os usuários se tornaram parte das redes sociais que se constituem a todo instante na *web*, produzindo e consumindo informações em tempo real.

As reflexões tecidas neste trabalho estão fundamentadas principalmente nas contribuições de autores como André Lemos, Lucia Santaella e Magda Soares, que nos auxiliam a entender como vêm se constituindo hoje os processos de leitura e escrita dos sujeitos na relação que estabelecem com as mídias pós-massivas e que nos possibilita também repensar sobre os desafios a serem enfrentados pela escola neste contexto.

Mídias massivas e pós-massivas

Com o surgimento da cibercultura, é possível que o usuário, ao interagir com outros usuários no ciberespaço, faça parte das redes sociais que se constituem a todo instante. Canclini (2005) ressalta que “*a conjugação de telas de televisão, computadores e videogames está familiarizando as novas gerações com os modos digitais de experimentar o mundo, com os estilos e ritmos de inovação próprios destas redes (...)*” (p. 237, grifo do autor), chamando atenção para as modificações nos modos

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ. E-mail: aluappos@yahoo.com.br.

²Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ. E-mail: junnior_2003@yahoo.com.br. Bolsista FAPERJ.

³Projeto “Educação e Mídia: imagem técnica e cultura escrita”, coordenado pela Prof^a Maria Luiza Oswald no Programa de Pós-Graduação em Educação da UERJ.

pelos quais essas gerações se relacionam com a informação, o conhecimento e o entretenimento.

Observando que nos produtos da cultura de massa há o controle do pólo da emissão, Lemos (*online*) vai ressaltar como característica das mídias pós-massivas “*a possibilidade de acesso, produção e circulação de informação em tempo real*” (p. 12) por parte dos usuários. Isto significa que os meios pós-massivos “*permitem a personificação, a publicação e a disseminação de informação de forma não controlada por empresas ou por concessões de Estado*” (id, *ibid*, p. 6). Se em relação aos produtos da cultura de massa o telespectador que assiste à televisão ou ouve o rádio não pode interferir no conteúdo transmitido, no caso dos produtos da cultura digital, o sujeito já não é um mero telespectador. Sendo assim, Lemos (2002) ressalta que o “*ciberespaço fez com que qualquer um possa não só ser consumidor, mas também produtor de informação, emissor*” (p. 114), até pela possibilidade deste ambiente, também chamado por Lévy (1999) de rede, se constituir como “*o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores*” (1999, p. 17).

Santaella (2003) coloca que a cibercultura é caracterizada pela cultura do acesso, na medida em que há uma grande circulação de informação atualmente no ciberespaço: “*Informação não é uma quantidade conservada. Se eu lhe dou informação, você a tem e eu também. Passa-se aí da posse para o acesso*” (p. 28). Sobre isso, Lemos (2002) diz que no ambiente virtual do ciberespaço os usuários permanecem conectados uns aos outros, o que lhes garante maior poder sobre a recepção. O autor ressalta que este não é o caso das mídias de massa em que o fluxo da informação é “*unidirecional. No ciberespaço não. Este possibilita a simultaneidade sensorial e o fluxo bidirecional da informação (todos-todos), além da interatividade*” (p. 123).

Com base nisso, ressaltamos que compartilhar arquivos de forma dinâmica e rápida com outros usuários torna-se uma das possibilidades da cibercultura e, para Santaella (2002), “*O aspecto mais espetacular da era digital está no poder dos dígitos para tratar toda informação, som, imagem, vídeo, texto, programas informáticos, com a mesma linguagem universal, uma espécie de esperanto das máquinas*” (p. 54). Lemos (2002) também vai enfatizar a capacidade do ciberespaço em proporcionar que a informação, ao ser transformada “*em bits, faz com que os diversos formatos midiáticos possam transitar por vários suportes (imagens, textos, sons, vídeo... e por ondas, fibras óticas, satélites, etc.)*” (p. 122, grifo do autor). Tendo em vista a frequência com que as novas gerações acessam a *web*, a habilidade com que o fazem e o prazer que isso lhes

proporciona, parece-nos pertinente conhecer a potencialidade das mídias digitais no que se refere à apropriação dos usos sociais da leitura e da escrita.

O letramento na cibercultura

Para Soares (1998), foi no contexto das grandes transformações culturais, sociais, políticas, econômicas e tecnológicas que o termo letramento surgiu, ampliando o sentido do que tradicionalmente se conhecia por alfabetização. De acordo com a autora (*online*), a palavra letramento é o estado resultante da ação de letrar, que designa a ação educativa de desenvolver o uso de práticas sociais de leitura e de escrita para além do apenas ensinar a ler e a escrever, do alfabetizar. Goulart (*online*) aponta que os modos de ser letrado se constituem no espaço familiar e educativo, ressaltando a necessidade de *“novas possibilidades de ação pedagógica com a linguagem verbal, na perspectiva de repensarem-se metodologias de trabalho que favoreçam a formação de sujeitos criticamente letrados”* (p. 450). Enquanto Soares (1998) revela que o indivíduo alfabetizado é detentor dos saberes necessários para ler e escrever, o indivíduo letrado é o que vive em estado de letramento, fazendo usos sociais da leitura e escrita a partir das demandas sociais. Ao focalizar os aspectos sócio-históricos da aquisição da escrita, a autora (*online*), portanto, entende o letramento *“como as práticas sociais de leitura e escrita e os eventos em que essas práticas são postas em ação, bem como as conseqüências delas sobre a sociedade”*.

Com base no exposto, reconhecemos que esta concepção de letramento contribui para redimensionar a compreensão que hoje temos sobre a aprendizagem da leitura e da escrita, e que esses processos estão vinculados também às condições culturais dos sujeitos. Neste sentido, Soares (*online*) sugere a existência de outra modalidade de letramento, referindo-se à cultura da tela, também denominada de cibercultura, que surge paralelamente à cultura do impresso. A autora reconhece que a tela, sendo um dos espaços para a prática da leitura e da escrita apresenta uma forma diferente de letramento, que passa a ser exercido pela mediação dos artefatos tecnológicos. Para Lemos (2002), a cibercultura não é o resultado da relação entre as tecnologias da telecomunicação com as da informática sobre a cultura, mas *“é a cultura contemporânea que se estabelece como uma cultura de redes, sendo a cibercultura fruto da sinergia entre a sociabilidade contemporânea e as novas tecnologias”* (p. 111). Lévy (1999) diz que, nas redes, os sujeitos navegam livremente e alimentam o universo

oceânico das informações, permitindo que, coletivamente, existam formas diferentes de explorar a comunicação em relação às mídias clássicas.

Considerando os modos pelos quais os sujeitos se relacionam com o conhecimento e a cultura na contemporaneidade, não há como negar que “*as experiências mediadas por tecnologias que utilizam a realidade virtual, abrem novas janelas nos processos de criação*” (Alves, *online*). Os avanços tecnológicos proporcionaram que a leitura e a escrita pudessem ser desenvolvidos em outros suportes, como a tela. *Desktops, laptops, netbooks, palmtops*, celulares etc, permitem que os sujeitos, ao entrarem em contato com as mídias pós-massivas, produzam e divulguem informações no ciberespaço. E com a emergência do ciberespaço, o leitor agora entra em contato, segundo Santaella (*online*), com um “*roteiro multilinear, multi-seqüencial e labiríntico que ele próprio ajudou a construir ao interagir com os nós entre palavras, imagens, documentação, músicas, vídeo etc*”. Assim, as mudanças que engendram o contato dos sujeitos com os conteúdos midiáticos no ciberespaço os vêm tornando praticantes dos processos de leitura e de escrita a partir das demandas sociais que emergem nesse contexto cultural.

Conclusão

Martín-Barbero (*online*) afirma que vivemos hoje um “descentramento” do saber, e reconhece a importância de compreender as linguagens e as sensibilidades geradas a partir da relação estabelecida entre os sujeitos e as mídias contemporâneas. Ainda que não sejam muito exploradas pela escola, o autor enfatiza que essa relação vem proporcionando mudanças na escrita e nas narrativas. Com isso, apontamos que a escola poderia beneficiar-se em conhecer as aprendizagens que estão se constituindo nos ambientes virtuais, potencializando as práticas pedagógicas relacionadas ao letramento de crianças e jovens.

Indo nessa mesma direção, Rocha (2008) acredita que “*Em uma sociedade onde as mídias ganham cada vez maior importância, principalmente aquelas relacionadas à difusão das imagens, o papel da leitura e da escrita parece sofrer uma modificação*” (p. 3). Frente a isso, seria importante, portanto, promover experiências escolares que, dialogando com as experiências culturais dos alunos, contribuíssem para uma melhor compreensão da mediação que os artefatos tecnológicos exercem sobre as práticas contemporâneas de leitura e de escrita.

Referência Bibliográfica

- ALVES, Lynn. *Games: novo locus de aprendizagem*. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/portal/riomidia/rm_materia_conteudo.asp?idioma=1&idMenu=5&label=Artigos&v_nome_area=Artigos&v_id_conteudo=65515#top_o.>. Acesso em: 19 mar 2010.
- CANCLINI, Nestor García. *Diferentes, desiguais e desconectados: mapas da interculturalidade*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.
- GOULART, Cecília. *Letramento e modos de ser letrado: discutindo a base teórico - metodológica de um estudo*. Revista Brasileira de Educação. Vol.11, n.33, set/dez 2006, p.450 – 460. Disponível em: <http://www.oei.es/inicial/articulos/letramento_infantil.pdf>. Acesso em 13 mar 2010.
- LEMONS, André. Aspectos da Cibercultura: vida social nas redes telemáticas. In: PRADO, José Luiz Aidar (Org.). *Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas*. São Paulo: Hacker Editores, 2002, p. 112-129.
- _____. *Cidade e mobilidade*. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. Disponível em <http://www.intermidias.com/txt/ed9/cidade%20e%20mobilidade_andrelemons.pdf>. Acesso em: 15 ago 2009.
- LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Saberes Hoy: disseminaciones, competências y transversalidades. Tradução livre. *Revista Iberoamericana de Educación*. n.32, mayo-agosto, 2003. Disponível em: <<http://rieoei.org/rie32a01.htm>>. Acesso em 04 set 2009.
- ROCHA, Sérgio Luis. Leitura e escrita na era das mídias. In: *Anais do XIV ENDIPE*. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2008, p. 1-12. (Publicado em CD-ROM).
- SANTAELLA, Lucia. A crítica das mídias na entrada do século 21. In: PRADO, José Luiz Aidar (Org.). *Crítica das práticas midiáticas: da sociedade de massa às ciberculturas*. São Paulo: Hacker Editores, 2002, p. 44-56.
- _____. Da cultura das mídias à cibercultura: o advento do pós-humano. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, nº 22, dezembro 2003. Disponível em: <<http://revcom.portcom.intercom.org.br/index.php/famecos/article/view/229/174>>. Acesso em: 7 ago 2009.
- _____. *A leitura fora do livro*. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/pos/cos/epe/mostra/santaell.htm>>. Acesso em: 3 mai 2008.
- SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação e Sociedade*, Campinas, Vol.23, n.81, p.143-160, dez 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302002008100008 &lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 11 mar 2010.
- _____. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte, Autêntica, 1998.